

OESP
21/3/97
25 A3

Catálogo de utopias

Cercadas pela deslumbrante beleza natural do Rio e apoiadas por R\$ 4,5 milhões, cerca de 500 pessoas vindas de 80 países sonharam durante uma semana em ser os demiurgos do fim do milênio. Criaram as novas leis do universo, batizadas de regras de desenvolvimento sustentável e, com elas, planejaram um novo mundo que nem sequer no papel se sustentou. Por sorte, metade dos sonhadores acordou antes da aprovação do documento final da Rio + 5 e se recusou a assinar o catálogo de utopias. O mundo verde que os defensores da ecologia enxergam está muito distante de poder substituir essa Terra azul em que vivemos.

O planetinha verde que querem ver nascer é cenário de conto de fadas. Um paraíso terrestre onde se vive seguindo os princípios da exploração sustentável da natureza, "promovendo e adotando formas de consumo, produção e reprodução que respeitem e salvaguardem os direitos humanos e a capacidade regeneradora da Terra". É difícil para quem não tem essa criatividade toda imaginar, por exemplo, a China oferecendo ao seu 1,1 bilhão de habitantes, através de incentivos à reprodução, a mesma capacidade de consumo dos 255 milhões de americanos sem que os índices de poluição aumentem.

Respeitar a natureza e toda forma de vida é a primeira das ordens desses ecologistas para que a humanidade se salve. Quem poderá ser contra esse nobre objetivo? Mas para salvar a humanidade não há como deixar de limitar o respeito à natureza. Haverá momentos em que, inevitavelmente, se terá de optar entre a preservação dos homens e a preservação dos mico-leões. Atender ambos ao mesmo tempo seguindo as instruções dos ecologistas é impossível.

O documento *Da Agenda à Ação* que a Rio + 5 aprovaria no final do encontro acabou sendo rasgado por grande parte dos

participantes. Nem eles concordaram com tanta magia, tanta ingenuidade e tanta retórica vazia. Infantilidades como "não fazer ao ambiente dos outros o que não queremos que façam com o nosso" compunham as prescrições

ecológicas. Havia ainda o compromisso de "reafirmar que as populações nativas têm papel vital na proteção da Mãe Terra". Difícil será vencer os caiapós do Pará a desativar

seus garimpos e suspender a venda do mogno e a ficar sem dinheiro para comprar seus automóveis, as parabólicas, eletrodomésticos e a cachaca, que tanto apreciam.

O documento estabelecia ainda ordens como a inclusão do desenvolvimento sustentável na discussão da previdência social e do direito à saúde sexual e reprodutiva. Ou seja: o desenvolvimento sustentável deve ser a nova bíblia, a nova constituição, a nova lei do Universo. É com ele que deveríamos, seguindo as regras dos ecologistas, resolver todas as questões da Humanidade — das relações políticas às amorosas. Os novos senhores do Universo não sabem que não há retórica que resolva as dificuldades trazidas pela fome, pelo desemprego, pelas diferenças culturais, pela desordem econômica e social e ao mesmo tempo salve o verde. Não há como condenar os países que preferiram pagar o seguro aos seus desempregados em vez de bancar projetos ambientais.

O planetinha verde dos ecologistas, certamente, vai existir. Estará nos cenários dos filmes ou, dentro da realidade de pequenas comunidades distantes do contato da civilização — populações pequeninas, adoradoras dos seus deuses, seguidoras das tradições, sem contacto com o conforto moderno, imunes à violência e entregues aos valores espirituais, apenas. Melhor será se as próximas reuniões de ambientalistas forem realizadas num desses recantos. Por lá, os catálogos de utopias poderão ser levados a sério.

Sugestões de ecologistas para o meio ambiente parecem poções mágicas de contos infantis